

## XII ENCONTRO DE EXTENSÃO, DOCÊNCIA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA (EEDIC)

### AVALIADOR E AVALIADO: AS TÉCNICAS PROJETIVAS EM SALA DE AULA E A ÉTICA PROFISSIONAL

Iara Fernandes Teixeira<sup>1</sup>; Mércia Capistrano Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá;  
E-mail: iarafernandesteixeira@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente Especialista do curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá;  
E-mail: mercia@unicatolicaquixada.edu.br

#### RESUMO

A avaliação psicológica é uma área específica da psicologia, muito vasta e trabalhada atualmente, é competência exclusiva dos psicólogos e nos coloca diante de diversos contextos em que o diagnóstico é necessário, mas balizado em um processo que venha a beneficiar o sujeito sem estigmatizá-lo. A dimensão da ética perpassa por questões mais abrangentes do que as que os códigos abarcam, questões próprias da forma como cada sujeito se questiona acerca dos valores e crenças que carrega consigo. A avaliação da personalidade trabalha com os mais íntimos conteúdos e com os mais expostos, ambos dentro da dinâmica do processo de construção de uma pessoa. No caso, a pessoa em questão é um aluno, e a situação de aplicação e correção se restringe a aprendizagem, mas e quando os alunos não se dão conta das dimensões éticas envolvidas nesses processos? Buscaremos visitar a teoria e compará-la com a experiência da observação em sala de aula das aplicações e correções, sabendo que a personalidade é dinâmica e que muitos alunos ainda percebem de forma indiferente a área, devido à ausência de identificação com a prática desta. Não se fornece diagnóstico em sala de aula, mas se ensina a manusear os instrumentos, bem como a lidar com os parâmetros éticos que tanto a profissão exige, como também os autores da área. Os testes trabalhados, HTP e Palográfico, amplamente utilizados e reconhecidos na área, investigam aspectos gerais da personalidade, buscando perceber indícios psicopatológicos por meio do grafismo.

**Palavras-chave:** Avaliação psicológica. Testes projetivos. Personalidade. Aprendizagem.

#### INTRODUÇÃO

Uma das áreas mais abrangentes de estudo da psicologia é a avaliação psicológica, por esse motivo, trataremos neste trabalho apenas na perspectiva da avaliação da personalidade. A pesquisa se instala no curso da disciplina de técnicas projetivas, no sétimo semestre do curso de psicologia. No decurso da mesma, estudando os autores e as linhas teóricas, que mais produziram sobre a personalidade e o ato de avaliar, os alunos podem ter um vislumbre do quanto é delicado o processo.

Os instrumentos criados para tal são muitos e trabalham das mais variadas formas, desde a perspectiva inteiramente do campo da psicopatologia até os chamados desajustamentos e comportamentos antissociais. Específicos em sua validação e fidedignidade, são muito utilizados nos contextos clínicos, da saúde mental e do trânsito. Boa parte da avaliação não se fecha aos recursos testes, mas se utiliza de alguns meios para sua complementação, como as técnicas que, apesar de não seguirem uma padronização tão rigorosas como estes, tem resultados profícuos.

Em um determinado período no início de cada semestre, os alunos respondem a dois testes projetivos gráficos em sala de aula, o HTP – Teste do Desenho da Casa, Árvore e da Pessoa; e o Palográfico, ambos avaliam os aspectos gerais da estrutura da personalidade, com possíveis destaques para indicativos

psicopatológicos, que possam existir, através do grafismo. Ao longo do semestre os mesmos conhecem os instrumentos, e ao final da disciplina inclusive como critério de parte da nota corrigem os testes dos colegas de forma anônima. As informações constantes nos materiais são o sexo, a idade e o número do envelope que guia a distribuição destes, para que pessoas próximas não estejam se avaliando.

Há um tempo, os alunos corrigiam seus próprios testes, e se inquietavam com os resultados encontrados. Esse ponto, deu margem para a questão ora estudada de como estamos entre esse dilema de ser o sujeito que cuida, mas também que necessita de cuidados. Sobretudo, quando se tratam de instrumentos que trabalham com a saúde mental, como seria interessante perceber que somos tão suscetíveis a uma psicopatologia como qualquer outra pessoa a nosso redor.

Este trabalho busca apresentar a experiência da monitoria em Técnicas Projetivas, durante o ano de 2016, mas sobretudo, trazer a pesquisa realizada nesse meio tempo, para o enriquecimento da disciplina e da formação da discente-monitora. A pesquisa em si, objetiva conhecer o que a literatura traz sobre a ética na avaliação da personalidade, para poder melhor aplicá-la no contexto da aprendizagem em sala de aula da aplicação, correção e devolutiva de resultados de processos de avaliação psicológica.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa bibliográfica, de cunho descritivo e exploratório, que envolve a observação em sala de aula das aplicações e correções dos dois testes projetivos postos em contexto de aprendizagem. Trabalhamos com a turma do sétimo semestre, composta de trinta e oito alunos, entre iniciantes na disciplina e reprovados. Nos utilizamos dos referenciais dos textos do caderno do ano da avaliação psicológica do CFP (SANTOS; SIQUEIRA; OLIVEIRA; BICALHO; BANDEIRA, 2011) e um complementar sobre ética na questão epistemológica da psicologia (ABIB, 2009).

A partir das discussões dos textos da disciplina, que figuram as temáticas atuais, buscamos envolver os aspectos éticos, de modo a permitir que o aluno internalizasse as condutas mais benéficas aos futuros pacientes e ao mesmo tempo pudesse ser habilidoso na aplicação e correção, atentando para os detalhes relevantes. A literatura ao final é discutida com o relato da experiência em sala de aula, como as questões que envolvem a não exposição dos colegas figura no processo de aprendizagem, a partir das observações feitas pela autora/monitora de forma impessoal, didática e metodológica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A emergência dos dilemas éticos envolvendo a avaliação psicológica, surge de algumas pesquisas que se tornaram referência, em sentidos positivos e negativos. Inevitavelmente sobressaiu-se o lado negativo, como na prática de pesquisa de Clark nos Estados Unidos. Este estudava investigando as diferenças entre as populações e grupos, foi um importante difusor da independência e institucionalização da psicologia em seu país (ABIB, 2009, p. 200).

Diversos testes nessa época foram aplicados em políticas de segregação e seleção de “mais aptos”, para conter imigração de ditos indesejáveis, para asilamento e práticas manicômias, coloca Rappaport. Foram esses passos e a prática de pesquisa de Clark, implementada e desenvolvida por G. Stanley Hall (1846-1924), Francis Galton (1822-1911), e Edward Lee Thorndike (1874-1949) (RAPPAPORT, 1977, p. 10 apud ABIB, 2009, p. 200).

Essa realidade não está muito longe de nós, nas correções em dupla no semestre 2016.1, algumas duplas caçoavam dos desenhos e protocolos de teste, e também das características encontradas ou que supunham ter encontrado nos testes. Apesar do cuidado da professora e da monitora, “É preciso colocar em análise nossas práticas, discutindo que psicólogos estamos produzindo e que saberes estamos perpetuando” (BICALHO, 2011, p. 92), no sentido de colocar para os alunos que profissionais eles serão se o sofrimento do outro não é respeitado. Assim, a autora afirma “[...] vale ressaltar que a legislação vigente prevê que o psicólogo é o único profissional que pode assumir essa atividade, pressupondo que ele tem formação adequada para tanto” (SANTOS, 2011, p. 14), então o aluno deve se sentir responsável pela sua própria formação para que o faça pela atuação quando formado.

Muitas responsabilidades se agarram a este fazer, se não se aperceberam, no ponto que trata sobre a tomada de decisão, definição que se repete inclusive nos discursos dos professores. Sobre essa grande missão, a autora nos chama atenção para um otimismo – “É possível e necessário que os psicólogos sejam qualificados para usar a avaliação psicológica sem correr riscos de causar danos às pessoas que são atendidas por ele em todo e qualquer contexto de atuação profissional!” (SANTOS, 2011, p. 16). Esta não está enganada, muitos discentes entendem a proposta e conseguem, desde a aplicação dos testes em sala, compreender que os colegas são sujeitos de verdade e que ele se torna responsável pelos resultados que possa entrar em contato.

Santos (2011) discute que não é possível tornar menor o efeito dos resultados que advém das avaliações psicológicas tem sobre o diverso segmento. Mas argumenta que nem sabendo desse fato os psicólogos devem abster-se de tal prática tão importante, pois o perigo como ele mesmo fala está no uso indevido, sobretudo na forma como é devolvido a quem de direito e a sociedade. Muitos alunos temem, estar corrigindo errado, ou mesmo pensam demasiadamente em quem corrige o deles, o que a pessoa deve estar pensando e cobram o professor a interpretação de seus resultados. A situação de devolutiva é trabalhada em sala, mas os alunos não recebem as devolutivas de seus resultados individuais, até porque esse não é o objetivo da aplicação e correção, mas o conhecimento básico no manejo dos instrumentos.

É importante sinalizar que a própria formação para a área da avaliação sofreu muitas mudanças ao longo do tempo. Bandeira (2011) trata que por um longo período o aprendizado se resumia aos testes, aplicação e correção, que na verdade culminava num “repassar manuais”. Isso facilitava que os processos dos recém-formados não tivessem tanta qualidade, pois apenas detinham conhecimento sobre os instrumentos, ao invés de discutirem anteriormente a avaliação de uma forma global. Na Unicatólica, devido a divisão e planejamento das disciplinas, em quatro na área da avaliação psicológica, em todas se trabalham testes e o processo com eles, e as três primeiras culminam na última, que é o fechamento técnico para um pensamento clínico satisfatório.

Então, as condutas dos alunos que não cuidam de seus resultados, geralmente estão associadas a um desempenho falho em outras disciplinas na área, reprovações, falta de afinidade com a área, descrença nos instrumentos e na teoria e problemas emocionais de ordem pessoal, que os testes podem evocar nos alunos. Mas as orientações necessárias para minimamente compreender o processo, aplicar e corrigir o instrumento e devolver ao cliente da melhor forma são repassados, tendo sempre a égide do acolhimento, do respeito ao sujeito e da avaliação ajudá-lo de alguma forma.

Siqueira e Oliveira (2011) trazem uma dimensão muito complexa, que é a questão da responsabilidade de um homem avaliar o outro de forma imparcial e ética, sem que isso coloque em xeque sua própria condição humana. “É importante que aqui se está considerando que o processo de avaliação psicológica se baseia em uma relação humana e esse fato não impede que o psicólogo exerça profissionalmente essa função” (SIQUEIRA; OLIVEIRA, 2011, p. 43). Traduz muito, no sentido de repassar que o saber do psicólogo nunca é total, e que a personalidade sendo dinâmica pode seguir outros rumos em momentos posteriores, o sujeito não pode se prender a um resultado mal concebido em um momento específico.

Do que foi observado pela monitora, os alunos compreendem que a ética é fundamental, mas não se colocam na situação de aprendizagem como um processo real de avaliação de um sujeito. Me parece, que por conhecer a pessoa, aquilo que consta nos resultados não a expõe, não a constrange, porque todos conhecem ela. Mas o que a experiência traz, é que sim, comentários, deboches de características do desenho e da interpretação, podem ser motivo de desconforto, mesmo que o desenho ou o teste que provocou a problemática não seja daquele que se sentiu lesado pelo contexto do ocorrido. Identificações com pontos dos testes são muito comuns, então qualquer característica tida como negativa pode ofender algum dos alunos.

A atenção e o cuidado crescem nas correções em grupo, ou em sala, onde os alunos marcam de fazer a correção no mesmo lugar para poder tirar dúvidas com a monitora ou mesmo entre si, o que já não é indicado, sendo a correção individual. A monitora pode tirar as dúvidas, mas o colega que escuta pode ser o autor do desenho, então não é interessante que isso ocorra. Outro ponto observado, é a inexperiência no manuseio do material, questão óbvia, mas que faz parecer o teste um instrumento de apontar características anormais e os próprios alunos se revelam curiosos, na expectativa de descobrir psicopatologias nos colegas.

Como se perde muito do processo original numa situação de aprendizagem, então pouquíssimas vezes podemos encontrar aspectos disfuncionais nos testes dos colegas. Perde-se a observação da aplicação, o

inquérito, as observações em sessão, os relatos de escutas anteriores, resultados de outros instrumentos e técnicas, tudo isso figura um processo de avaliação psicológica completo, então há muita frustração nas correções nesse sentido. Busca-se algo, que na verdade, não deveria ser encontrado, tanto no sentido de que a situação de aprendizagem é rasa, como de expectativa de que ao menos aqueles que estudam psicologia estejam trabalhados ou se trabalhando (terapia) para oferecer futuramente um serviço de qualidade.

## CONCLUSÕES

A partir da pesquisa, a dimensão ética passou a ser mais perceptível pelos alunos na prática das correções e também no sentido do devolver ao cliente, eles não o fazem aos colegas, pelos mais variados motivos, mas discutem com a professora como deve ser esse processo de estar colocando os dados colhidos para o cliente. Foi deixada uma reflexão, no sentido de problematizar o cuidado com os conteúdos que não nos pertencem e os alunos dão um feedback positivo nesse aspecto, mas não garantem que seja o que eles realmente vão fazer depois de formados.

Realmente, o estudo da personalidade pode fascinar qualquer pessoa, mas poucas sabem lidar com os conteúdos que ela pode revelar e saber separá-los do senso comum. Acredito que a pesquisa pode contribuir com a reflexão dos alunos e que, sim, a monitoria pôde auxiliá-los a entender os testes, a aprender a manuseá-los, mas só a prática leva a um trabalho profícuo, assim como o aprofundamento teórico.

## REFERÊNCIAS

ABIB, J. A. D. **Epistemologia pluralizada e história da psicologia**. São Paulo: Scientae studia, nº 2, v. 2, p. 195 – 208, 2009.

BANDEIRA, D. R. Repensando a formação em avaliação psicológica no Brasil. Eixo 3 – Relação com o contexto de formação. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA. **Ano da Avaliação Psicológica** – Textos geradores. Brasília: CFP, 2011.

BICALHO, P. P. G. de. Ética e direitos humanos sob o crivo da avaliação psicológica: Validade e fidedignidade em questão. Eixo 2 – Avaliação psicológica em contextos institucionais. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA. **Ano da Avaliação Psicológica** – Textos geradores. Brasília: CFP, 2011.

SANTOS, A. A. A. dos. O possível e o necessário no processo de avaliação psicológica. Eixo 1 – Qualificação: Critérios de reconhecimento e validação a partir dos direitos humanos. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA. **Ano da Avaliação Psicológica** – Textos geradores. Brasília: CFP, 2011.

SIQUEIRA, L. S. de M; OLIVEIRA, M. A. C. O processo de avaliação psicológica. Eixo 1 – Qualificação: Critérios de reconhecimento e validação a partir dos direitos humanos. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA. **Ano da Avaliação Psicológica** – Textos geradores. Brasília: CFP, 2011.